



Agência de Saúde discute plano de carreira na região

Ideia é estimular profissionais da área com planejamento de abrangência metropolitana



Proposta foi discutida durante a primeira reunião do comitê, criado na semana passada, que busca soluções para melhorar a saúde na região

Clipping Diário

continua...



*A Tribuna
Terça-Feira, 25 de Janeiro de 2011*

DA REDAÇÃO

Secretários municipais de Saúde da Baixada Santista e o Governo do Estado iniciaram ontem, em Guarujá, a discussão sobre a criação de um plano de carreira metropolitano para profissionais da saúde pública. A ideia é estimular os trabalhadores da área com melhores salários, evitar a evasão e consequentemente falta de médicos, promover capacitação contínua e oferecer atendimento de qualidade nas unidades.

A proposta nasceu na primeira reunião do comitê formado por autoridades municipais e estaduais e criado na semana passada, informalmente chamado de Agência de Saúde da Baixada Santista. O grupo busca melhorar o serviço público do setor na região, a menos contemplada com recursos do Estado nos últimos anos e dona de alguns dos piores índices do segmento em território paulista.

"Hoje (ontem) saiu desta reunião o consenso de criar uma carreira regionalizada do profissional de saúde e levaremos isso para o governo (estadual)", afirmou o coordenador do co-

Déficit

A Região Metropolitana da Baixada Santista tem cerca de 3 mil leitos, mas o ideal, segundo recomendações do SUS, seriam 4.100 leitos

mitê, David Uip, que é diretor do Hospital Emílio Ribas, em São Paulo, e também representante do Estado no grupo.

Segundo ele, os critérios para a criação do plano de carreira serão debatidos nas próximas reuniões mensais do comitê, a serem marcadas em sistema de rodízio, uma em cada município da Baixada. A próxima, em fevereiro, será em Peruíbe.

Secretário de Saúde de Santos, Odílio Rodrigues Filho afirmou que é necessário definir quem vai pagar a conta deste plano de carreira. Ele ressaltou que há legislação capaz de respaldar a criação de um plano regional bancado pelo Estado, por meio do qual os médicos podem atuar nas redes dos mu-

nicipios da região.

"Podemos fazer uma experiência piloto na Baixada, mas não sabemos se vai haver orçamento para isso". David Uip destacou que a participação da Associação Paulista de Medicina no comitê poderá contribuir com a formatação desta ação regional voltada para os profissionais da área.

Além da entidade, o grupo, cujo objetivo é agilizar as soluções integradas neste setor da administração pública, é composto por membros das secretarias estaduais de Habitação, Educação e Desenvolvimento Social, além da Sabesp, por serem temas diretamente ligados à saúde da população.

"Não adianta aumentar o número de leitos e não ter uma atenção básica resolutiva, com assistência, habitação, educação, saneamento", disse o secretário de Saúde de Guarujá, Cássio Luiz Rosinha.

INVESTIMENTOS

Alvo de discussões na reunião, realizada a portas fechadas durante duas horas e meia, o aumento do número de leitos pa-

ra internação e UTI foi apresentado como prioridade para a região.

"Está claro que temos de criar sistema de urgência e emergência que permeie os nove municípios o ano inteiro, suprimindo inclusive as dificuldades impostas pela sazonalidade. Temos como lema que ambulância não vai mais subir a Serra. Que a Baixada consiga resolver seus problemas", afirmou Uip.

O secretário de Saúde de Santos lembrou que o déficit metropolitano chega a mil leitos. "Estamos abaixo da proporção mínima recomendada pelo SUS, de 2,5 leitos para cada mil habitantes. Deveríamos ter 4.100 e temos cerca de 3 mil". Ele espera que junto com o comitê formado na semana passada venham mais investimentos do Estado para a Baixada.

"A região tem 4% do eleitorado paulista, 4% da arrecadação, mas não teve nem 1% de investimentos da Saúde nos últimos anos", afirmou ele. "Não é à toa que temos índices ruins".

CARLOS NOGUEIRA



*A Tribuna
Terça-Feira, 25 de Janeiro de 2011*

é orientado pela mídia para não descer para o litoral. Guarda-sol na praia só os quiosques podem colocar e o turista ainda sofre chacoleta quando volta à sua cidade pois perguntam se as férias foram com ou sem virose. Não adianta construir hospital próximo à região da Unaerp para encher de turista com vômitos e diarreias no verão e dengue no inverno. Não descemos para o Guarujá para dar trabalho a médicos ou superlotar farmácias.

O vilão-turista só quer passar uma temporada com saúde, em paz, para refazer as energias, mas a Prefeitura de Guarujá e a Sabesp ainda não sabem o que querem.

CLÁUDIA MONTEIRO - SÃO PAULO

O culpado é o turista

Quando os meus filhos eram pequenos, sempre vomitavam depois da praia, há 17 anos atrás, quando o esgoto desembocava na praia. Tinha dado uma estabilizada mas não adiantou, pois continua tudo igual e o esgoto continua desembocando na praia. A prefeita de Guarujá disse que a culpa é do turista, que não toma os devidos cuidados com a higiene e com os alimentos. Alguém tem que ser o culpado, mas por dois anos consecutivos não acho que o vilão seja o turista. A prefeitura deveria ter uma Vigilância Sanitária atuando com mais rigor na época do verão junto aos quiosques, ambulantes, lanchonetes e restaurantes, porque os turistas gastam dinheiro na cidade.

A Sabesp, que é do Estado, afirma que a virose não é da água. E o turista paga água, esgoto e luz. Quando chove, o sinal da TV sai do ar e após a chuva, no dia seguinte, o turista vai à Praia da Enseada se banhar em águas cor de chocolate e a Sabesp diz que a água é limpa. Há 10 mil casos confirmados de dengue em 2010, em Guarujá, e nas férias de julho o turista